

Latinos querem pagar menos

Cidade do México — As reclamações da América Latina sobre o problema da dívida foram expostas em artigos publicados no jornal mexicano "Excelsior" pelo chanceler brasileiro Roberto de Abreu Sodré e pelo vice-chanceler uruguaio Ope Pasquet, enquanto Michel Camdessus, diretor do FMI, proclamou a necessidade de prosseguir os programas de ajuste e crescimento.

Para o Brasil, a saída para o problema da dívida "passa necessariamente pela redução dos valores da dívida e, consequentemente, dos juros", destacou Abreu Sodré. Segundo Pasquet, nas condições de asfixia financeira da América Latina, "a atitude daqueles que nos exigem o pagamento exato e em dia de nossas obrigações nos lembra a ânsia do skylock shakespereano de cobrar seu crédito com uma libra de carne de seu devedor".

AJUSTE

Abreu Sodré e Pasquet ressaltaram o papel que o "binômio comércio-endividamento" desempenha no problema e as dificuldades para conseguir créditos novos para o desenvolvimento. Em contrapartida, Camdessus reconheceu que "a recusa dos bancos a continuar emprestando é lógica", mas também que para os países endividados "não há outro caminho a não ser o ajuste econômico orientado ao crescimento".

"Já remetemos muitos recur-

sos para os centros credores, o suficiente para pagar muitas vezes o valor da dívida individual de nossos países e permitir a comunidade financeira acumular níveis confortáveis de reservas: é hora de respostas em nosso favor — reclamou o chanceler brasileiro.

Para Pasquet, a crise da dívida se agrava com as aberrantes distorções que os países desenvolvidos impõem ao comércio internacional.

"Dizem que devemos pagar. Dizem que temos que fazer ajustes severos em nossas economias, qualquer que seja seu custo social. E quando fazemos os ajustes e pagamos e exigimos de nosso povo esforços e sacrifícios. Nós encontramos com as portas dos grandes mercados fechadas para nós e, pior ainda, nós encontramos com produtos subsidiados pelos países ricos, que retiram nossos produtos dos mercados internacionais" acentuou Pasquet.

Segundo Camdessus, é cada vez maior o número de pedidos que chegam ao FMI "para pôr em andamento programas de ajustes estrutural orientados ao crescimento, a estimular a poupança interna, repatriar o capital, abrir as economias e favorecer o investimento estrangeiro direto".

Para o diretor do FMI, "o crescimento foi muito retardado nestes países e deve-se reconhecer que a médio prazo a dívida só poderá ser paga com o crescimento econômico".